

ESPÉCIES ARBÓREAS NATIVAS DA MATA CILIAR DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO LAJEADO TUNAS, NA REGIÃO DO ALTO URUGUAI, RS

Fábio André Facco JACOMASSA¹

¹Laboratório de Ornitologia e Animais Marinhos, Bloco D, Centro 2, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Avenida Unisinos, 950 – B, CEP 93.022-000, São Leopoldo – RS, Brasil. E-mail: fabioafj@gmail.com.

ABSTRACT - NATIVE ARBOREAL SPECIES FROM THE RIPARIAN WOODS OF THE WATERSHED OF THE LAJEADO TUNAS RIVER, IN THE ALTO URUGUAI REGION, RS. The riparian woods have influence on the water bodies in several ways and the removal of these woods causes harm to both human beings and nature. With the objective to know the arboreal species from the Riparian Woods of the watershed of the Lajeado Tunas River in Frederico Westphalen (27°18'87"S and 53°21'72"W), a study was conducted in order to identify and list the vegetation found there between August 2002 and June 2006, by using the method called Caminhamento. There were 89 arboreal species identified at the, sorted into 30 families. The most representative family was the Fabaceae with 15 species, followed by the Myrtaceae with 10, the Euphorbiaceae and the Rutaceae with seven each and the Sapindaceae with six. Size of the watershed is 649,63ha, being 86,52 ha Permanent Preservation Areas (PPAs). In 48,45ha from these PPAs there are riparian woods. The farming activities associated to burning and forest cutting are pointed out as the main causes of the forest fragmentation and the degradation of the ecosystems associated to the watershed. This list generates information about the species that can be used to recover the Riparian Woods of the watershed of the Lajeado Tunas River, it provides information on the Riparian Woods of the Alto Uruguai, and besides that it also may be useful as a database for further studies.

Key words: Seasonal Deciduous Forest, Frederico Westphalen e Caminhamento.

RESUMO - A Mata Ciliar influência de vários modos os corpos de água, e sua remoção causa prejuízos para o homem e para a natureza. Com o objetivo de conhecer as espécies arbóreas da Mata Ciliar da Bacia hidrográfica do Rio Lajeado Tunas em Frederico Westphalen (27°18'87"S e 53°21'72"W) foi realizado um levantamento de sua vegetação entre agosto de 2002 e junho de 2006 utilizando-se o método do Caminhamento. Foram identificadas 89 espécies arbóreas nativas na mata ciliar distribuídas em 30 famílias. A família mais representativa foi Fabaceae com 15 espécies, seguida de Myrtaceae com 10, Euphorbiaceae e Rutaceae com 7 cada e Sapindaceae com 6. A Bacia, possui 649,63 ha, onde 86,52 ha são APPs. Em 48,45ha dessas APPs, há mata ciliar presente. As atividades agropecuárias associadas ao uso de queimadas e extrativismo florestal são apontadas como as principais causas da fragmentação florestal e degradação dos ecossistemas associados às bacias hidrográficas. Esta lista gera informação sobre quais espécies podem ser usadas para recuperação da mata ciliar da bacia Hidrográfica do Rio Lajeado Tunas, traz informações da mata ciliar do Alto Uruguai além de poder servir de base para trabalhos futuros.

Palavras-chave: Floresta Estacional Decidual, Frederico Westphalen e Caminhamento.

INTRODUÇÃO

Ao longo do Rio Uruguai e seus afluentes se estende uma densa floresta, caracterizada por um estrato arbóreo superior formado por árvores altas e emergentes, na sua maioria decíduas. Durante o inverno, quando as árvores emergentes na sua maioria, perdem as suas folhas, apresenta-se a floresta como estacional (REITZ et al. 1988).

As florestas estacionais são as formações com maior área de cobertura entre as ocorrentes no estado, predominando no Alto Uruguai, ao longo das encostas da Serra Geral e leste do Planalto Sul-Rio-Grandense ou Serra do Sudeste (RAMBO, 1961). RAMBO (2005) coloca que não há quadro que se possa comparar, em beleza virgem, com o das suas matas ribeirinhas. No entanto elas sofreram grande impacto, pois o desenvolvimento econômico da região do Alto Uruguai foi inicialmente baseado na exploração das espécies de madeira nobres pelas empresas madeireiras (RUSCHEL et al., 2003) e também pelos colonos que lá se instalaram para cultivarem a terra.

A importância de preservar ou restaurar as matas ciliares dos rios e ao redor dos lagos e reservatórios é ressaltada pelos benefícios que este tipo de vegetação traz ao ecossistema, exercendo função protetora sobre os recursos naturais bióticos e abióticos (JACOMASSA, 2005). CARPANEZZI (2000) descreve a vegetação ciliar, ripária ou ripícula como sendo aquela que margeia aos corpos de água, como riachos, rios e lagoas, tendo comumente porte arbóreo ou arbustivo em ambientes não perturbados. Ainda o mesmo autor coloca que a vegetação ciliar influencia de vários modos os corpos de água, e sua remoção causa prejuízos para o homem e para a natureza.

A composição florística implica na produção de uma lista com os nomes das espécies presentes na área de estudo (MARTINS, 1990). O objetivo deste trabalho foi conhecer as espécies arbóreas nativas da Mata Ciliar da Bacia Hidrográfica do Rio Lajeado Tunas (BHRLT). O levantamento florístico em área demarcada abre perspectivas para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à fitossociologia, à fenologia e à dinâmica das populações ali instaladas (WEISER & GODOY, 2001), além de gerar informação para a recuperação e preservação da sua Mata Riparia.

MATERIAL E MÉTODOS

O Município de Frederico Westphalen ($27^{\circ}18'87''$ S e $53^{\circ}21'72''$ W), localiza-se, geograficamente no Médio Alto Uruguai. O trabalho foi realizado na BHRLT, ela possui 649,63 ha, onde 86,52 ha são áreas de preservação permanente (APPs), e em 48,45 ha (56%) dessas APPs há Mata Riparia presente, o rio Tunas e seus afluentes têm 14,5 Km de extensão (ZANELLA dados não publicados) (Fig. 1).

Para o levantamento qualitativo da vegetação realizado entre agosto de 2002 e junho de 2006, utilizou-se o método do Caminhamento (FILGUEIRAS, 1994) que consiste basicamente na descrição sumária da

vegetação da área amostrada, elaborando a listagem das espécies encontradas nas margens ciliares do Rio Lajeado Tunas e de seus afluentes, organizando os dados em forma de lista. Foi considerado como margens ciliares a faixa até 30 metros dos corpos d'água, já que estes em nenhum momento tinham mais de 10 metros de largura.

As espécies de Angiospermae foram agrupadas nas famílias reconhecidas pelo Angiosperm Phylogeny Group - APG II (SOUZA & LORENZI, 2005). As categorias sucessionais seguem VACCARO et al. (1999), FONSECA & RODRIGUES (2000), LORENZI (2002) e RUCHEL et al. (2007). As formas de dispersão seguem PIJL (1972) e RUCHEL et al. (2007).

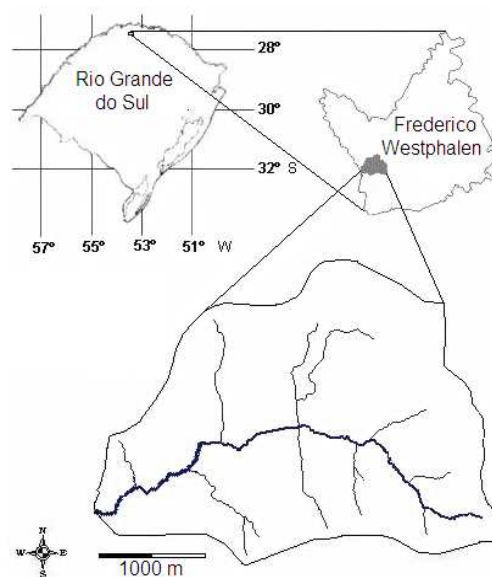


Figura 1. Bacia Hidrográfica do Rio Lajeado Tunas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificadas 89 espécies arbóreas nativas na Mata Ciliar do BHRLT, distribuídas em 30 famílias (também foram identificadas sete espécies exóticas). A família mais representativa foi Fabaceae (Leguminosae) com 15 espécies (16,8%), seguida de Myrtaceae com 10 (11,2%), Euphorbiaceae e Rutaceae com sete (7,9%) cada e Sapindaceae com seis (6,7%) (Tab. I).

Dessas 89 espécies, quando a sua categoria sucessional, 35 (39,3%) são secundárias iniciais, 30 (33,7%) secundárias tardias, 22 (24,7%) são pioneiras e somente duas (2,3%) são de sub-bosque. Quanto à forma de dispersão de suas sementes 58 (65,4%) delas apresentam dispersão zoocórica, enquanto 23 (25,8%) são anemocóricas, e somente oito (9%) delas são autocóricas.

Não foram encontradas espécies *clímax* características de ambientes mais estáveis (VACCARO et al., 1999). JACOMASSA (2005) em levantamento da flora arbórea Ciliar do Rio Lajeado Tunas no Parque Municipal de Turismo e Lazer da Faguense inserido na BHRLT usando o método de parcelas, amostrando 0,1 ha, registrou 29 espécies nativas e 12 famílias, sendo as

espécies mais abundantes *Sebastiania brasiliensis*, *S. commersoniana*, *Diatenopteryx sorbifolia*, *Eugenia uniflora*, *Allophylus edulis* e *Campomanesia xantocarpa* plantas pioneiras, JACOMASSA et al. (2007) também fazendo um levantamento por parcelas em 0,5 ha da Mata Riparia da bacia encontraram 40 espécies nativas pertencentes a 16 famílias, onde 5 (*E. uniflora*, *Sebastiania brasiliensis*, *Helietta apiculata*, *D. sorbifolia* e *C. xantocarpa*) das 6 espécies mais abundantes eram também plantas pioneiras. Esses trabalhos indicam estágio sucessional na Mata Riparia da bacia, caracterizando-a como uma mata secundária avançada, em que houve ação antrópica como retirada seletiva e total de espécies arbóreas, o que pode ser observado em ao longo da mesma.

BUDKE et al. (2005) fazendo levantamento por parcelas em 1 ha de uma floresta ribeirinha em Santa Maria, Rio Grande do Sul, nos domínios da Floresta Estacional Decidual encontraram 54 espécies arbóreas pertencentes a 26 famílias, destas 75,9% eram zoocóricas, 18,5% anemocóricas e 5,6% autocóricas, sendo Myrtaceae a espécie com maior número de espécies arbóreas (16), seguido de Fabaceae (5), Euphorbiaceae, Sapindaceae e Flacourtiaceae (3), sendo *Gymnantes concolor*, *Eugenia uniflora*, *Sebastiania commersoniana*, e *S. brasiliensis* as espécies mais abundantes, já ARAUJO et al. (2004) fazendo levantamento por transectos em 0,7 ha de uma floresta ribeirinha na bacia do Rio Jacuí em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, também nos domínios da Floresta Estacional Decidual encontraram 49 espécies arbóreas pertencentes à 21 famílias, sendo Myrtaceae a família com maior número de espécies (11), seguida de Fabaceae (7), Rubiaceae (4), Euphorbiaceae, Sapindaceae e Sapotaceae (3).

Os resultados de BUDKE et al. (2005) e ARAUJO et al. (2004), foram muito semelhantes com os dados aqui apresentados mostrando que Myrtaceae e Fabaceae sempre estão entre as famílias com maior número de espécies nas matas ribeirinhas das Florestas Estacionais Deciduais do Rio Grande do Sul. O trabalho de BUDKE et al. (2005) foi semelhante aos trabalhos de JACOMASSA (2005) e JACOMASSA et al. (2007) realizados na BHRLT, mostrando que as espécies mais abundantes são sempre pioneiras. Os dados deste trabalho, reforçado pelos de BUDKE et al. (2005) mostram que a maioria das espécies encontradas nas matas ribeirinhas das Florestas Estacionais Deciduais possui dispersão zoocórica mostrando o grande potencial de recuperação e regeneração dessas áreas, já que é a dispersão de sementes feita pelos frugívoros que inicia o processo de sucessão vegetal (GRIFFITH et al., 1996).

Apesar de protegida pela legislação ambiental (Lei n.º 4.777/65) a Mata Ciliar da BHRLT continua sendo alterada, restando 56% da sua cobertura original em área de APP. As atividades agropecuárias associadas ao uso de queimadas e extrativismo florestal são apontadas como as principais causas da fragmentação florestal e degradação dos ecossistemas associados às bacias hidrográficas (PAINE & RIBIC, 2002; CORBACHO et al., 2003; BATTILANI et al. 2005).

A lista de espécies aqui apresentada traz

informação sobre quais espécies podem ser usadas para recuperação da mata ciliar da bacia Hidrográfica do Rio Lajeado Tunas e outras matas ciliares de Florestas Estacionais Deciduais no Rio Grande do Sul, traz ainda informações da mata ciliar do Alto Uruguai além de poder servir de base para trabalhos futuros.

AGRADECIMENTOS

O Autor agradece a Lisiane Zanella pelos dados cedidos sobre a bacia, a Juliane Bruxel pela confirmação da espécie de Cactaceae, aos moradores ribeirinhos e por fim aos revisores anônimos pelas sugestões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, M.M.; LONGHI, S.J.; BRENA, D.A.; BARROS, P.L.C.; FRANCO, S. Análise de agrupamento da vegetação de um fragmento da Floresta Estacional Decidual Aluvial, Cachoeira do Sul, RS, Brasil. *Ciência Florestal*, v. 14, n. 1, p. 133-147, 2004.
- BATTILANI, J.L.; SCREMIN-DIAS, E.; SOUZA, A.L.T. Fitossociologia de um trecho de mata ciliar do rio da Prata, Jardim, MS, Brasil. *Acta Botanica Brasílica*, v.19, n.3, p. 597-608, 2005.
- BUDKE, J.C.; ATHAYDE, E.A.; GIEHL, E.L.H.; ZÁCHIA, R.A.; ESINGER, S.M. Composição florística e estratégias de dispersão de espécies lenhosas em uma floresta ribeirinha, arroio Passo das Tropas, Santa Maria, RS, Brasil. *Iheringia, Série Botânica*, v. 60, n. 1, p. 17-24, 2005.
- CARPANEZZI, A. A. Benefícios Indiretos da Floresta. In: Galvão, A. P. M. (ed.) *Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais: Um guia para ações municipais e regionais*. EMBRAPA. Brasília - DF, p. 19-55. 2000.
- CORBACHO, C.; SANCHEZ, J.M.; COSTILLO, E. Patterns of structural complexity and human disturbance of riparian vegetation in agricultural landscapes of a Mediterranean area. *Agriculture, Ecosystems & Environment*, v.95, n.1, p. 495-507, 2003.
- FILGUEIRAS, T. S. Caminhamento - Um Método Expedito Para Levantamentos Florísticos Qualitativos. *Caderno de Geociências*, n. 12, p. 39-43, 1994.
- FONSECA, R.C.B.; RODRIGUES, R.R. Análise estrutural e aspectos do mosaico sucessional de uma floresta semidecídua em Botucatu, SP. *Scientia Forestalis*, v. 57, p. 27-43, 2000.
- GRIFFITH, J. J.; DIAS, L. E.; JUCKSCH, I. Recuperação de áreas degradadas usando vegetação nativa. *Saneamento Ambiental*, v. 37, p. 28-37, 1996.
- JACOMASSA, F.A.F. 2005. Levantamento da Flora Arbórea Ciliar do Rio Lajeado Tunas no Parque Municipal de Turismo e Lazer da Faguense, Frederico Westphalen, RS. In: I SIMPÓSIO SUL

- BRASILEIRO DE GESTÃO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL, 2001, Erechim. Anais, 2005, p. 441-449.
- JACOMASSA, F.A.F.; RODRIGUES, L.S.; MARTINS, J.F.; PAZINI, K.C.; SIQUEIRA, L.J.; PIZETTA, R.; DAVID, A.; BACHINSKI, E. Análise da vegetação arbórea em fragmento de floresta secundária no município de Frederico Westphalen RS. In: II Fórum Regional e I Fórum Estadual de Conservação e Biodiversidade. Anais. Passo Fundo, 2007.
- LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v 1. Nova Odessa, SP: Plantarum, 384p. 2002.
- MARTINS, F.R. Atributos das comunidades vegetais. Quid, v. 9, n. 1/2, p.12-17, 1990.
- PAINE, L.K.; RIBIC, C.A. Comparison of riparian plant communities under four land management system in southwestern Wisconsin. Agriculture, Ecosystems & Environment, v.92, n.1, p.93-105, 2002.
- PIJL, L. van der. Principles of Dispersal in Higher Plants. 2ª ed. Springer-Verlag Berlin, Heidelberg, New York, 161 p. 1972.
- RAMBO, B. Migration routes of the south Brazilian rain forest. Pesquisas, botânica, 12:1-54. 1961.
- RAMBO, B. A Fisionomia do Rio Grande do Sul. 3ª ed. Unisinos: São Leopoldo-RS, 456 p. 2005.
- REITZ, R.; KLEIN, R. M.; REIS, A. Projeto Madeira do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: SUDESULGERS-IBDF, 525 p. 1988.
- RUSCHEL, A. R.; NODARI, E. S.; GUERRA, M. P.; NODARI, R. O. Evolução do Uso e Valorização das Espécies Madeiráveis da Floresta Estacional Decidua do Alto-Uruguai-SC. Ciência Florestal, Santa Maria-RS, v. 13, n. 1, p. 153-166, 2003.
- RUCHEL, R.A.; NODARI, R. O.; MOERSCHBACHER, B.M. Woody plant species richness in the Turvo State park, a large remnant of deciduous Atlantic forest, Brazil. Biodiversity and Conservation, v. 16, p. 1699-1714, 2007.
- SOUZA, V.C.; LORENZI, H. Botânica Sistemática: Guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. Plantarum: Nova Odessa, SP, 640 p. 2005.
- TEIXEIRA, E.M.; JACOMASSA, F.A.F. Aspectos da frugivoria por aves em *Cupania vernalis* Camb. no Médio Alto Uruguai, Sul do Brasil. In: II SIMPÓSIO SUL BRASILEIRO DE GESTÃO E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL, 2001, Erechim. Anais, 2006, p. 169-176.
- VACCARO, S.; LONGHI, S.J.; BRENA, D.A. Aspectos da composição florística e categorias sucessionais do estrato arbóreo de três subseres de uma Floresta Estacional Decidua, no Município de Santa Tereza, RS. Ciência Florestal, Santa Maria, v.9, n.1, p.1-18, 1999.
- WEISER, V. L.; GODOY, S. A. P. Florística em um hectare de cerrado stricto sensu na ARIE - Cerrado Pé-de-Gigante, Santa Rita do Passa Quatro, SP. Acta Botanica Brasílica, v. 15, n. 2, p. 201-212, 2001.

Tabela I. Lista de espécies Arbóreas nativas da mata ciliar da Bacia Hidrográfica do Rio Lajeado Tunas.

Famílias/espécies	Categoria Sucessional	Forma de Dispersão
Araucariaceae		
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	PI	ZO
Lauraceae		
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F. Macbr.	ST	ZO
<i>Nectandra lanceolata</i> Nees & Mart.	ST	ZO
<i>Nectandra megapotamica</i> (Spreng.)	ST	ZO
<i>Ocotea diospyrifolia</i> (Meisn.) Mez	SI	ZO
<i>Ocotea puberula</i> (Reich.) Nees	SI	ZO
Annonaceae		
<i>Rollinia salicifolia</i> Schlecht.	ST	ZO
<i>Rollinia silvatica</i> Mart.	ST	ZO
Arecaceae		
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	SI	ZO
Phytolacaceae		
<i>Phytolacca dioica</i> Linn.	SI	ZO
Cactaceae		
<i>Cereus hildmannianus</i> K.Schumann	PI	ZO
Myrtaceae		
<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Camb.) Berg.	ST	ZO

<i>Campomanesia xantocarpa</i> Berg.	PI	ZO
<i>Eugenia involucrata</i> DC.	ST	ZO
<i>Eugenia pyriformis</i> Camb.	ST	ZO
<i>Eugenia schuechiana</i> O. Berg	ST	ZO
<i>Eugenia rostrifolia</i> D.Legrand	ST	ZO
<i>Eugenia uniflora</i> Linn.	PI	ZO
<i>Myrcia selloi</i> (Spreng) N.J.E.	SI	ZO
<i>Myrcianthes pungens</i> (Berg) Legr.	ST	ZO
<i>Plinia trunciflora</i> (Berg) Kausel	ST	ZO
Fabaceae (Leguminosae)		
<i>Albizia niopoides</i> (Benth.) Burk.	SB	AN
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vog.) Macbride	SI	AN
<i>Gleditsia amorphoides</i> (Gris.) Taub.	SI	AN
<i>Holocalix balansae</i> Mich.	ST	ZO
<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	SI	AU
<i>Bauhinia forficata</i> Link	PI	AU
<i>Ateleia glazioviana</i> Baill.	PI	AN
<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.Conc.)Britton	SI	AN
<i>Erythrina falcata</i> Benth.	ST	AN
<i>Myrocarpus frondosus</i> Allem	SI	AN
<i>Myroxylon peruiferum</i> L.f.	ST	AN
<i>Enterolobium conturtisiliquum</i> (Vel.) Morong	SI	ZO
<i>Inga marginata</i> Willd.	SI	ZO
<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	SI	AN
<i>Lonchocarpus campestris</i> Mart. ex Benth.	PI	AN
Salicaceae		
<i>Banara tomentosa</i> Clos	ST	ZO
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	SI	ZO
<i>Casearia silvestris</i> Sw.	SI	ZO
Euphorbiaceae		
<i>Actinostemon concolor</i> (Spreng.) Müll. Arg.	SI	AU
<i>Alchornea glandulosa</i> Poepp. & Endl.	SI	ZO
<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.)	SI	ZO
<i>Sapium glandulatum</i> (Vellozo) Pax	PI	ZO
<i>Sebastiania brasiliensis</i> Spreng.	PI	AU
<i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) L.B. Smith & R.J.Downs	PI	AU
<i>Tetrorchidium rubrivenium</i> Poepp. & Endl.	SI	AU
Rosaceae		
<i>Prunus sellowii</i> Koehne	SI	ZO
Cannabaceae		
<i>Trema micrantha</i> (Linn.) Blume	PI	ZO
Moraceae		
<i>Ficus insipida</i> Willd.	ST	ZO
<i>Maclura tinctoria</i> D. Don ex Steud.	SI	ZO
<i>Sorocea bonplandii</i> (Baillon) Burg.	SI	ZO
Caricaceae		
<i>Carica quercifolia</i> Benth. & Hook. F. ex Hieron	PI	ZO
Malvaceae		
<i>Ceiba speciosa</i> Rabean	SI	AN
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	SI	AN
Rutaceae		
<i>Balfourodendron riedelianum</i> (Engl.) Engl.	ST	AN
<i>Esenbeckia febrifuga</i> (A. St. Hil.) A. Juss.	SI	AU
<i>Esenbeckia grandiflora</i> Mart.	ST	AU
<i>Helietta apiculata</i> Benth.	PI	AN
<i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lem.	SB	AN

<i>Zanthoxylum hyemale</i> A.St. Hil.	SI	ZO
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	SI	ZO
Meliaceae		
<i>Cabralea canjeraja</i> (Vell.) Mart.	ST	ZO
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	SI	AN
<i>Guarea macrophylla</i> Vahl	ST	ZO
<i>Trichilia clausenii</i> C. DC.	ST	ZO
<i>Trichilia elegans</i> A. Juss.	ST	ZO
Anacardiaceae		
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	PI	ZO
Sapindaceae		
<i>Allophylus edulis</i> (St. Hil.) Radlk.	PI	ZO
<i>Allophylus guaraniticus</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	PI	ZO
<i>Allophylus puberulus</i> (Cambess.) Radlk.	PI	ZO
<i>Cupania vernalis</i> Camb.	ST	ZO
<i>Diatenopteryx sorbifolia</i> Radlk.	PI	AN
<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	ST	ZO
Myrsinaceae		
<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz et Pav.)	SI	ZO
<i>Rapanea umbellata</i> (Mart. ex DC.)	SI	ZO
Sapotaceae		
<i>Chysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichl.) Engl.	ST	ZO
Styracaceae		
<i>Styrax leprosus</i> Hook. & Arn.	ST	ZO
Boraginiaceae		
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrabida ex Steudel	SI	AN
<i>Cordia americana</i> Linn.	SI	AN
Loganiaceae		
<i>Strychnos brasiliensis</i> (Spreng.) Mart.	PI	ZO
Bignoniaceae		
<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	SI	AN
<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandwith	SI	AN
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	ST	AN
Lamiaceae		
<i>Vitex megapotamica</i> (Spreng.) Moldenke	ST	ZO
Solanaceae		
<i>Solanum granulosoleprosum</i> Dunal	PI	ZO
Araliaceae		
<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerm. & Frodin	PI	ZO
Aquifoliaceae		
<i>Ilex brevicuspis</i> Reiss.	SI	ZO
<i>Ilex paraguariensis</i> A.St.Hil	ST	ZO
Asteraceae		
<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabrera	PI	AN

Legenda: Categoria Sucessional: PI = Pioneira, SI = Secundária Inicial, ST = Secundária Tardia, SB = Sub-bosque.
Forma de Dispersão: ZO = Zoocórica, AN = Anemocórica, AU = Autocórica.